



FÁBIO ARAÚJO OLIVEIRA

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

RESUMEN. Considerando el “gesto” de rectificación de la noción de sujeto, emprendido por Michel Pêcheux en la escuela francesa del Análisis del Discurso (AD), en este trabajo analizamos la importancia de la producción psicoanalítica lacaniana para una mejor comprensión del AD, puesto que la mencionada rectificación se fundamenta precisamente en el Psicoanálisis. Para este estudio nos interesan las reflexiones sobre el sujeto desarrolladas por Pêcheux en su libro *Les vérités de la Palice* y la rectificación sobre el asunto, así como las nociones de inconsciente, real y causa elaboradas por Lacan. Percibimos que actualmente, después de más de dos décadas de la primera publicación de la rectificación (1983), el AD en Francia, tal como fue propuesto por Pêcheux, ha sido prácticamente abandonado. En Brasil, esta disciplina continúa con fuerza, si bien la rectificación llevada a cabo por el autor no tuvo eco entre sus seguidores. En estos dos casos, respetadas sus particularidades, podríamos identificar un síntoma de rechazo o silenciamiento del Psicoanálisis.

PALABRAS CLAVE: *Análisis del Discurso, psicoanálisis, sujeto, inconsciente, ideología.*

RESUMO. Considerando o “gesto” de retificação da noção de sujeito, empreendido por Michel Pêcheux na Análise do Discurso (AD) francesa, disciplina criada por este filósofo, analisamos, nesse trabalho, a importância da produção psicanalítica lacaniana para uma melhor compreensão da AD, já que tal retificação fundamenta-se principalmente na Psicanálise. Para essa análise, interessa-nos o que foi dito sobre o sujeito por Pêcheux em seu livro *Les vérités de la Palice* e a retificação sobre o assunto, como também as noções de inconsciente, real e causa desenvolvidas por Lacan. Percebemos que atualmente, depois de mais de duas décadas da primeira publicação da retificação (1983), a AD na França, tal como foi proposta por Pêcheux, está praticamente abandonada. No Brasil, essa disciplina segue com bastante força, mas a retificação produzida pelo autor não teve eco entre seus seguidores. Nesses dois casos, respeitadas suas particularidades, poderíamos identificar um sintoma de recusa ou silenciamiento da psicanálise.

PALAVRAS CHAVE: *Análise do Discurso, psicanálise, sujeito, inconsciente, ideologia.*

ABSTRACT. Considering the gesture of rectification of the notion of subject by Michel Pêcheux, philosopher and founder of the French School of Discourse Analysis (AD), in this paper we analyze the importance of Lacanian psychoanalytic theory to better understand AD, given that this rectification is mainly supported by psychoanalysis. In this analysis, we are interested in what Pêcheux said in his book *Les vérités de La Palice* about the subject as well as the rectification on that matter. We are also interested in the notions of unconscious, real, and cause as elaborated by Lacan. We realized that,

nowadays, after more than two decades from the first publication of the rectification (1983), AD in France, as conceived by Pêcheux, is practically abandoned. In Brazil, however, this subject is still strong though the rectification has not echoed among its followers. In both cases, particularities apart, we can identify a symptom of disavowal or silence of psychoanalysis.

KEY WORDS: *Discourse Analysis, psychoanalysis, subject, unconscious, ideology.*

## *Introdução*

Parece que falta algo, ao se ler o texto de Michel Pêcheux (1988) “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação” sem se considerar a importância da produção lacaniana na psicanálise para esse gesto de leitura. E isso que parece faltar se refere principalmente a uma compreensão da noção de sujeito, de assujeitamento e, portanto, da noção de ruptura e reprodução.

“Só há causa daquilo que falha...” foi escrito em 1978 e publicado pela primeira vez em 1983, como anexo da edição inglesa do livro de Pêcheux *Les vérités de La Palice*<sup>1</sup>, que teve sua primeira publicação em 1975, na França. Em seu texto, o autor afirma que:

(...) alguma coisa está falhando também do lado da Psicanálise, na referência feita a seus conceitos, e se concentra sobre a relação entre o *ego* e o *sujeito*. Tudo se passa, em *Les Vérités de La Palice*, como se o que foi dito do sujeito se confundisse tendencialmente com o que foi posto relativamente ao *ego* como “forma-sujeito” da ideologia jurídica, a ponto de que o funcionalismo, expulso politicamente pela porta, pudesse, apesar de todas as denegações, ter voltado a tamborilar pela janela psicanalítica, sob a forma de uma espécie de gênese do ego; à força de levar exageradamente a sério as ilusões do poder unificador da consciência. (PÊCHEUX, 1988, p. 299)

Assim, Pêcheux, corajosamente, retificou nesse texto o que ele disse sobre o sujeito em *Les vérités de La Palice*, utilizando a psicanálise lacaniana para isso. É sobre a retificação desse conceito e as suas consequências para a Análise do Discurso (AD) que desenvolveremos o nosso trabalho.

Ao sugerirmos que falta algo ao se ler o texto de Pêcheux sem se considerar devidamente a psicanálise lacaniana, referimo-nos ao fato de que o conhecimento dessa produção teórica específica é justamente a fonte da retificação aqui abordada. Entretanto, há uma tendência, pelo menos entre analistas de discurso, de ler o texto de Pêcheux sem ter como arquivo de leitura a teoria psicanalítica de Lacan.

Leite (2005, p. 81), ao comentar o texto de Pêcheux em questão, menciona a “importância da contribuição de Lacan como condição para o trabalho crítico que vai sustentar o gesto de retificação” e, utilizando a noção de causa, “que introduz o estatuto do inconsciente enquanto referido ao REAL”, nos

encaminha a uma leitura pertinente desse texto. Utilizando Lacan para compreender Pêcheux, Leite conclui seu texto afirmando categoricamente que “Não é outra a direção apontada por Pêcheux” (idem).

Como se pode observar até aqui, pretendemos analisar a retificação do conceito de sujeito e suas consequências a partir das contribuições de Lacan, porque consideramos que esse é o território mais apropriado para isso, o que não significa, entretanto, que a nossa análise não esteja sujeita a falhas.

Começemos, então, sobre o que foi dito sobre o sujeito que mereceu ser retificado depois.

## 1. *Sujeito e ideologia*

No texto de retificação, Pêcheux (1988, p. 266) retoma do seu livro *Semântica e discurso* formulações resumidas na seguinte tese: “A forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o *non-sens* da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira.” Essa tese faz referência à interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, conforme formulou Althusser (1974).

Em outro texto, Althusser (1978, p. 67) diz que para todo indivíduo humano ser agente, é necessário que se inscreva na “forma-sujeito”, ou seja, “forma de existência histórica de qualquer indivíduo”. Entretanto, esse autor observa que “considerados como agentes, os indivíduos humanos não são sujeitos ‘livres’ e ‘constituintes’ no sentido filosófico desses termos” (idem). Assim, o sujeito, para o autor, é assujeitado e descentralizado. Assujeitado a sentidos historicamente determinados e descentralizado porque não é responsável por sua interioridade, já que não é origem, essência ou causa.

Assim como Althusser, Pêcheux (1988) critica a evidência do sujeito, a de ser “único”, “insubstituível” e “idêntico a si mesmo”, já que em tal evidência existe uma ocultação do fato do sujeito já-ser “um indivíduo interpelado em sujeito”, mas alerta que essa ocultação também é efeito ideológico. Reside, então, um paradoxo na evidência do sujeito: ao mesmo tempo em que o indivíduo é interpelado em sujeito, ocorre o apagamento do fato de que o sujeito é produzido nesse processo. Isso acontece porque o sujeito se “esquece” do processo que o constitui, pois sendo “sempre-já sujeito”, ele “sempre-já” esqueceu de sua constituição. O esquecimento, aqui, não se refere ao fato de não lembrar algo que um dia foi conhecido, mas ao acobertamento da constituição do sujeito no interior de seu efeito. Para o autor:

(...) a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (...) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito. (PÊCHEUX, 1988, p. 163)

Como vimos, o sujeito de Pêcheux, ou seja, o sujeito do discurso, é afetado pela língua e pela história para que ele se constitua e produza sentidos. Desse modo, ele sofre os efeitos do simbólico e do imaginário, porque é assujeitado à língua e à história. Esse sujeito é o da reprodução/transformação das relações de produção, se considerarmos a relação entre ideologia e luta de classes feita pelo autor, assim como a própria noção de luta de classes.

Segundo Pêcheux (ibidem, p. 144), “as ideologias não são feitas de ‘idéias’ mas de práticas”, e as ideologias se diferenciam da Ideologia:

(...) enquanto “as ideologias têm uma história própria”, uma vez que elas têm uma existência histórica e concreta, a “Ideologia em geral não tem história”, na medida em que ela se caracteriza por “uma estrutura e um funcionamento tais que fazem dela uma realidade não-histórica, isto é, omni-histórica, no sentido em que esta estrutura e este funcionamento se apresentam na mesma forma imutável em toda história, no sentido em que o Manifesto define a história como “história da luta de classes, ou seja, história das sociedades de classe”. (Ibidem, p. 151)

O conceito de “Ideologia em geral”, para o autor, permite pensar “o homem” como “animal ideológico”, diferenciando-se de “coisas”, “máquinas”, “animais” ou “anjos”. Ainda conforme o autor, Ideologia, nesse sentido, é parte da natureza, compreendendo natureza no sentido espinosano. Assim, “só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos” (ibidem, p. 149).

Pêcheux articula o conceito de ideologia ao conceito lacaniano de inconsciente, observando que há algo em comum entre suas estruturas funcionamentos: o fato de a ideologia e de o inconsciente produzirem evidências subjetivas dissimulando sua própria existência no interior de seu funcionamento.

Já o conceito de ideologias permite pensar na diversidade da instância ideológica, sob a forma de interdiscurso, em que há um complexo de elementos que se combinam. Cada um desses elementos é uma formação ideológica, ou seja, uma ideologia específica. É nesse sentido que Pêcheux (idem) afirma: “só há prática através de e sob uma ideologia”.

Em síntese, filiado a Althusser e preocupado com a questão da luta ideológica de classes, Pêcheux desenvolveu a noção de “reprodução-transformação” das relações de produção. Tentando retirar o sujeito do aprisionamento da “reprodução”, o que também era uma tentativa de livrar-se de críticas feitas ao sujeito dos Aparelhos Ideológicos de Estado, Pêcheux investigou de que maneira o sujeito é capaz de contrariar causas que o determinam, porque o apreendem no âmbito da teoria e da prática.

No entanto, conforme ele mesmo reconheceu no texto de retificação, havia “erro”, “desvio” e “equivoco” na abordagem feita sobre o sujeito. Segundo Pêcheux (ibidem, p. 300): “(...) levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha, eis precisamente algo que falha em *Les vérités de La Palice*.”

A crítica refere-se à relação entre o ego e o sujeito. Para o autor, o sujeito foi confundido ao ego como “forma-sujeito” da ideologia jurídica, retomando o funcionalismo e enfatizando a consciência como poder unificador. Entretanto, “o *non-sens* do inconsciente (...) *nunca é inteiramente* recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto (...)” (idem) (grifo do autor), mas através de uma “pulsção”, o *non-sens* “não pára de voltar no sujeito e no sentido que nele pretende se instalar” (idem). O sentido é produzido no *non-sens* “pelo deslizamento sem origem do significante” (idem), deixando marcas na constituição do sujeito-ego da “forma-sujeito” ideológica. É nesse ponto que a Análise do Discurso se reencontra com a Psicanálise para ajustes tão adiados, e por isso mesmo tardios.

## 2. *Só há causa daquilo que falha*

Parte do título do texto da retificação em questão é uma formulação de Lacan (1988, p. 27): “Só há causa para o que manca”, encontrada na publicação do seu Seminário de 1964 (*Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*). Refletindo sobre a importância de Lacan para a retificação feita por Pêchex, Leite nos diz que:

Seria necessário trazer como pano de fundo desta discussão o artigo que Althusser escreveu, no ano de 1964, a respeito do retorno a Freud de Jacques Lacan, em que afirma que a compreensão da estrutura de desconhecimento que dirige toda a pesquisa sobre a ideologia não poderia prescindir do gesto lacaniano de leitura da obra de Freud (...) Mas, no contexto da citação incluída no título “Só há causa daquilo que falha”, o que julgamos mais interessante retomar do seminário de 1964 é a discussão sobre a noção de causa que introduz o estatuto do inconsciente enquanto referido ao REAL, o que nos permitirá concluir indicando, com Zizek (...), que o nível fundamental da ideologia deve ser referido à fantasia que estrutura a realidade social. (LEITE, 2005, p. 81)

Essa citação resume bem o que queremos desenvolver agora: abordar as noções de causa/inconsciente/real, inclusive como forma de apresentar tais noções psicanalíticas para analistas de discurso, e analisar como elas sustentam a retificação em questão. A partir dessas considerações, abordaremos a dificuldade que a Psicanálise traz para a Análise do Discurso, e algumas consequências disso.

No texto “O inconsciente freudiano e o nosso” (LACAN, 1988), o seu autor retoma a pergunta sobre a possibilidade de a Psicanálise ser considerada uma ciência. Em seguida parte para o desenvolvimento de um dos “conceitos freudianos principais”, como ele mesmo diz: o inconsciente.

Conforme Lacan (ibidem, p. 25), “*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*” (grifo do autor). Para o autor (ibidem, p. 26), certamente a linguística, “cujo modelo é o jogo combinatório operando em sua espontaneidade,

sozinho, de maneira pré-subjetiva”, contribui para sua formulação do inconsciente, pois é a estrutura, ou esse “modelo”, o “que dá seu estatuto ao inconsciente”; é a estrutura que dá garantia de que existe “sob o termo de inconsciente algo de qualificável, de acessível, de objetivável”.

Para tratar de forma mais apropriada o conceito de inconsciente, Lacan faz referência à “função de causa”, que Leite nos apresenta a seguir:

Se na ciência é possível supor um progresso, para Lacan isto se dá às custas de uma crescente e irremediável incapacidade de pensar a categoria da causa, uma vez que ao preencher incessantemente a hiância entre a causa e o efeito, a ciência termina por esvaziar o próprio conceito de causa: eventos que levam a outros eventos de acordo com leis, eis a cadeia exaustiva de determinações (...) Entretanto, é em um sentido mais radical que Lacan vai propor o estatuto de causa: como aquilo que interrompe o funcionamento ditado pelas leis.

A causa que entra em jogo na psicanálise é então referida ao que excede a cadeia simbólica, embora por ela produzida. (LEITE, 2005, p. 81)

É nessa perspectiva que Lacan (1988, p. 27) nos diz: “Em suma, só existe causa para o que manca”. Isso que falha é da ordem do não realizado, que se inscreve na hiância característica da causa. A causa é produzida pela imersão do sujeito no campo da linguagem, o que constrói um sujeito dividido.

A abordagem de Lacan produz algo diferente de Freud, mas a partir dele. Em Freud, o inconsciente habita o “lugar” onde há sempre falha entre a causa e o que é afetado por ela. Lacan reformula o conceito de Freud introduzindo, onde a hiância se produz, a lei do significante no domínio da causa.

Segundo Lacan, para Freud interessa:

Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma coisa quer se realizar – algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo produzir-se, se apresenta como um achado. É assim, de começo, que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente. (LACAN, 1988, p. 30)

Esse achado é um reachado e sempre pode escapar novamente, instaurando a dimensão da perda, conforme Lacan. Para esse autor, na perspectiva da “lei do significante”, o dinamismo do inconsciente caracteriza-se pelos efeitos de apagamento, produzidos por uma estrutura em que alguma coisa pode barrar/riscar outra coisa. Isso que pode ser apagado é o significante como tal.

Na rede de significantes o sujeito se constitui. Nela, o que interessa são os embricamentos, as formulações que envolvem as “mensagens”. O sujeito deve advir de onde ele já estava, ou seja, o real. Para saber que o sujeito pode ser reencontrado no real, o método é discriminar a rede, voltando, retornando, cruzando o seu caminho.

O real é o que retorna sempre ao mesmo lugar, mas onde o sujeito não o encontra. Nós somos sempre chamados a um encontro com o real, que sempre escapole. O real está para além da rede de significantes, da insistência dos signos com os quais o princípio do prazer nos comanda.

Pela articulação dos conceitos de inconsciente/ causa/ real, podemos compreender que o sujeito do inconsciente lacaniano é efeito de significante, sendo o próprio significante aquilo que possibilita o fracasso. É nessa perspectiva que Pêcheux constrói sua retificação, podendo afirmar que:

Só há causa daquilo que falha (J. Lacan). É nesse ponto preciso que ao platonismo falta radicalmente o inconsciente, isto é, a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura; o que falta é essa causa, na medida em que ela se “manifesta” incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho, etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais “apagados” ou “esquecidos”, mas trabalham, sem se deslocar, na produção sentido/*non-sens* do sujeito dividido. (PÊCHEUX, 1988, p. 300)

No processo de imersão do indivíduo na linguagem, de constituição do sujeito, de formação do inconsciente, produz-se um objeto, um excedente de significante. Esse objeto é a causa, que “se ‘manifesta’ incessantemente e sob mil formas (...) no próprio sujeito” (idem).

Entre a causa e o que ela afeta há falha, lugar onde o *non-sens* do inconsciente não cessa de retornar ao significante em que quer se instalar. Assim, o sentido é produzido no *non-sens* através do deslizamento sem origem do significante. Mas “esse deslizamento não desaparece sem deixar traços no sujeito-ego da ‘forma-sujeito’ ideológica, identificada com a evidência de um sentido” (idem).

Tudo isso nos faz repensar a interpelação ideológica, conforme nos encaminha Pêcheux (ibidem, p. 300-1), a partir de considerações da psicanálise lacaniana: “Apreender até seu limite máximo a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas (...)”.

Caberia aqui, a partir de contribuições de Žižek (1996), considerar, na interpelação ideológica, a fantasia estruturando a própria realidade. Mas isso é assunto para outro artigo.

### 3. *O fracasso da Tríplice Aliança*

Como sabemos, a Análise do Discurso de Pêcheux se constituiu a partir do confronto de três áreas diferentes de conhecimento: a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo, formando uma espécie de Tríplice Aliança. Através da releitura de Marx feita por Althusser, da releitura de Freud por Lacan, e da releitura do estruturalismo linguístico de Saussure feita pelo próprio Pêcheux, a AD nasceu tentando suprimir a falta que cada uma dessas áreas possuía isoladamente, criando um objeto que está na fronteira de todas elas: o discurso.

Se ao Marxismo faltava a materialidade linguística e o inconsciente na abordagem da ideologia, se à Linguística faltava a ideologia e o inconsciente na abordagem da língua, e se à Psicanálise faltava a ideologia na abordagem do inconsciente, o discurso pretendia resolver tais falhas, já que tocava as três dimensões: ele é ideológico, é afetado pelo inconsciente e possui materialidade linguística.

Enfim, não sendo nem Linguística, nem Psicanálise, nem Marxismo, a Análise do Discurso era um novo campo de conhecimento que aliava essas três áreas.

Conforme vimos, foi principalmente sobre a questão do sujeito que a Tríplice Aliança sofreu ameaças. Ao se retificar a noção de sujeito em “Só há causa daquilo que falha...”, questionou-se a própria articulação feita entre as suas três disciplinas. Sobre isso, Pêcheux nos diz:

Como se sabe, o destino da Tríplice Aliança é, hoje mais do que nunca, extremamente problemático, e até mesmo as partes do pacto são objeto de um verdadeiro bate-boca teórico e político em que tudo se abre novamente a questionamentos. (PÊCHEUX, 1988, p. 293)

Pêcheux nos revela que no coração da Tríplice Aliança se instalaram “erros”, “desvios”, “equivocos”, que trouxeram para dentro da “cidadela teórica” o próprio adversário. Em outras palavras, ao se tentar expulsar o “poder unificador da consciência”, ficou-se prisioneiro dele, conforme vimos nesse trabalho.

O bate-boca teórico e político referido por Pêcheux sobre a construção da Tríplice Aliança provocou “nuvens de fumaça”, e “não há fumaça sem fogo”. No entanto Pêcheux, como ele próprio afirma, colocou a mão no fogo. O autor optou pelo trabalho crítico de sua própria produção científica, acreditando na possibilidade de que algo novo nascesse desse gesto, contra a destruição infrutífera da teoria em questão.

## *Conclusão*

Analisando hoje a retificação em questão, ou seja, pouco mais de duas décadas de sua primeira publicação, verificamos que na França, berço da Análise do Discurso, a “Tríplice Aliança”, tal como proposta por Pêcheux, foi praticamente abandonada. E Pêcheux vive o mais profundo anonimato, o que seu amigo Michel Plon denominou como “uma espécie de purgatório” (2005). No Brasil, a Análise do Discurso “à francesa”, ou seja, seguidora de Pêcheux, vive com bastante força. Entretanto, a retificação que aqui analisamos, produzida por Pêcheux, parece não ter eco nos seus seguidores. Nesses dois casos, o da França e o do Brasil, respeitadas suas particularidades e diferenças, poderíamos identificar um sintoma de recusa ou marginalização da Psicanálise pela Universidade? Eis a pergunta.



NOTAS

- 1 Tradução brasileira Semântica e discurso, E. Orlandi et alii, Editora da Unicamp: Campinas/SP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L.(1974). *Aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- ALTHUSSER, L.(1978). *Posições I*. Rio de Janeiro: Ed. Graal.
- LACAN, J.(1988). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 3ª ed. Versão brasileira de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LEITE, N. V. de A. (2005). Só há causa daquilo que falha. In: *Estudos da língua(gem)*. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. N. 1 (Jun., 2005) Vitória da Conquista: Edições UESB
- PÊCHEUX, M.(1988). *Semântica e interdiscurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi [et al.] Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- PLON, M. (2005). Linguagem, psicanálise e universidade (mini-curso) In: *V JORNADA CORPOLINGUAGEM*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- ZIZEK, S. (1996). Como Marx inventou o sintoma? IN: ZIZEK, S. (org.) *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.

FÁBIO ARAÚJO OLIVEIRA possui graduação em Licenciatura Plena em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (1995) e mestrado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2003). Atualmente é doutorando em Linguística (Unicamp) e Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Letras e Linguística, com ênfase em Aquisição da Escrita e Análise do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: a apreensão de habilidades textuais pela criança, o discurso das masculinidades e o discurso da pluralidade cultural.

Correo electrónico: faoliveira.uneb@uol.com.br